

Autor: Alicia Lezcano

Título: Experiencia, coraje y verdad

Dispositivo: Mesas Simultáneas de Trabajos Libres

Freiberg 4 de setiembre de 1872

Queridísimo Berganza!

Somente de má vontade te perdôo porque me escrevas tão pouco de ti mesmo, mas certa resignação comovente que se manifesta em cada linha de tua carta me impede exigir-te mais do que podes conseguir... já vês como as palavras me surgem do coração e as letras da pluma, falemos do passado das SSS

.....

Talvez assim se abram teu coração empedernido e tua boca endurecida, e me dêes a saber que ainda não estás morto para mim

Teu Cipião

Um jovem de 15 anos troca correspondências com um amigo. Compartilham muitos segredos. Escolhem um código para se transmitirem mensagens cifradas: o idioma espanhol.

Estas cartas escritas entre os anos 1871 e 1880 correspondem a Sigmund Freud e seu amigo de juventude Eduard Silverstein.

Os dois adolescentes assinavam Cipião y Berganza apropriando-se dos nomes dos cachorros de Cervantes do “Colóquio dos Cachorros”.

Os rapazes se ensinaram espanhol nas horas extra-escolares e fundaram uma sociedade secreta que chamaram “Academia Espanhola” ou “Castelhana” AE ou AC. Outras siglas que insistem tanto como assinaturas ou como referências nas cartas é SSS que faz duvidar aos tradutores por se tratar talvez de “*Espanische Sprach-Schule*”.

Escola de Língua Espanhola ou talvez iniciais de seus nomes. Hoje poderíamos situar, ainda que seja imaginariamente, esse Suposto Saber na figura do “cão sábio” e primeira fundação criada por Freud.

Estas cartas correspondem a uma década desconhecida, mas decisiva na formação de Freud. Suas letras surgidas no calor da amizade testemunham

seus interesses científicos, filosóficos e literários como sua vida emocional nesse ínterim.

Lê-se sua precocemente sua inquietude e análise pelas complexidades da alma humana e sua paixão pela verdade.

Correspondência que convido a que prestem atenção não somente pelo conteúdo, senão por estar em nossa própria língua e porque funda um pacto de intercâmbio: um contará sua vida e o outro escutará, a resguardo da presença de terceiros.

Espero que não mostre minhas cartilhas se alguém te pedir, porque quero escrever com toda ingenuidade e sobre todas as coisas que me empenham.

Não podemos menos que nos assombrar com estes indícios do que *a posteriori* Freud edificará como método psicanalítico.

Há que assinalar como particularidade da edição espanhola que é a única que confronta o leitor diretamente com os aspectos do peculiar castelhano de Freud. Nas traduções inglesa, francesa e italiana as passagens castelhanas vão acompanhadas de traduções baseadas na reconstrução alemã.

Agradecemos a sensibilidade do editor alemão Walter Boehlich por nos responsabilizar pelo trabalho de compreender o castelhano de Freud porque se trata da língua da intimidade do primeiro amor, dos segredos compartilhados.

Os cachorros de Cervantes que não ladram se descobrem ladrando. Escutemos o começo dos diálogos:

BERGANZA – Irmão Cipião, te escutei falar e sei que te falo, e não posso acreditar, por parecer que o nosso falar passa pelos termos da natureza.

CIPIÃO – Assim é a verdade, Berganza, e vem a ser maior esse milagre em que não somente falamos com discurso como se fossemos capazes de razão estando tão sem ela, que a diferença que há do animal bruto ao homem é ser o homem animal racional e o bruto irracional.

Cervantes designa a dois animais irracionais a graça fortuita da linguagem humana. Não põe o acento no fato de que falem como nas fábulas, senão que sejam conscientes de que falam e do que significa ter linguagem.

Assombram-se diante da fala como tal, ainda que este acontecimento não os converta em homens.

Lacan dizia: “Tomar a palavra é o mais árduo que se pode propor a um homem” e assinalava: “Falar é antes de tudo falar a outros”.

Cervantes permitiu que seus personagens falando mudassem. Cipião e Berganza, Dom Quixote e Sancho.

Certamente não há um sem o outro; como acontece entre Sigmund e Eduard. Dirigem-se um ao outro **sinceramente**; se pedem para abrir a **alma** e o coração. Se exigem **saber do outro** e ao mesmo tempo **cuidarem-se a si mesmos** estas são alguma das condições do conceito de parresia; crucial no pensamento Greco-romano e nexo entre cristianismo e paganismo.

Foucault considera estas formas sinceras de expressão da **verdade**, que a constitui como única garantia ética do fazer político e nexo unitivo entre o cuidado de si e o dos outros.

Este “dizer verdadeiro” é uma *veridificação* diferente à profecia, sabedoria ou a retórica. O “falar livremente” trata-se de uma coincidência exata entre “crença e verdade”.

Na parresia sempre há um “risco” ou um “perigo” para o que diz a verdade. O *parresiastes* está numa posição de inferioridade a respeito do interlocutor.

A palavra parresia aparece por primeira vez nas tragédias de Eurípides: Fenícias, Hipólito, Bacantes, Electra, Íon, Orestes. Íon apresenta a questão de quem tem o direito, o dever e o valor de dizer a verdade. Centra-se no deslocamento da verdade revelada do oráculo de Delfos à verdade dita por uns seres humanos a outros, através da parresia.

Esta tragédia se refere á luta **humana pela verdade apesar do silencio dos deuses; os homens devem conseguir por eles mesmos descobrir e contar a verdade.**

Então: Como descobrir a verdade se os deuses fazem silencio?

Com **Coragem** me animo a apresentar-lhes a figura incômoda de Diógenes, o cínico. Não sem o risco de tocar princípios em nome da moral, os bons costumes, a seriedade filosófica e hoje a ciência mesma.

O cínico é “um guerrilheiro da filosofia”.

Seu estilo não tem a formalidade dos antigos; emprega novos modos de expressão: a paródia, a sátira, anedota, o chiste. Seu efeito é imediato porque com uma rasteira desmascara, e, às vezes, “com a punção de seu humor desincha qualquer balão retórico”.

Cinismo deriva de “*Kion*”, cão, cachorro. Trata-se de um movimento grego antigo, que foi mais uma atitude vital exemplificada em três ou quatro figuras do que um sistema ou uma escola filosófica original.

Sob o emblema do cachorro levarão uma vida canina tomando o sol na Ágora ateniense. Com respeito à anedota é célebre: **Encontrava-se Diógenes expulso gozando do sol de Corinto, quando Alejandro Magno se aproximou e lhe disse, com ar de grande senhor: “peça-me o que deseje...” ao que o cínico lhe respondeu: “que te afastes um pouco, porque me estás tapando-me o sol.”**

Michel Onfray diz: “Diógenes era um anarquista, posto que não aceitava outro poder que não fosse o que cada um dispõe sobre si mesmo”

O cínico encontra na parresia um método para denunciar os falsos ídolos e propõe uma nova valoração, subvertendo as normas tradicionais.

Diógenes foi um mendigo ironicamente oportuno.

Uma vez foi visto pedindo esmola a uma estatua. Quando lhe perguntarão por que o fazia, respondeu: “Estou praticando para acostumar-me ao rechaço”. Talvez um rechaço que possibilite esculpir a própria existência. Os filósofos cachorros mobilizavam mecanismos contra o pessimismo existencial, ainda que afirmando a vida mesma. Pensamento que analisa Nietzsche no seguinte fragmento: **“Antístenes, atormentado por uma aguda dor, pergunta quem o liberaria de seu sofrimento. Diógenes lhe mostra uma adaga e Antístenes replica: tenho dito do sofrimento, não da vida”**

Para ir finalizando, um jogo de palavras. **Quando Diógenes ficou sabendo que o flautista *Dídimo* havia sido surpreendido em delito de adultério, riu-**

se dizendo que bem merecia ser pendurado por seu nome, já que este recorda o termo “Didymos”, “duplo”, “gêmeo” e particularmente “testículo”.

Diógenes, também apreciava estas técnicas, das que Freud diria muito mais tarde que nunca são tão pertinentes e eficazes como quando tem sua raiz no sexual e, especialmente no sexual reprimido pelo social.

Se o lema dos filósofos cachorros foi “invalidar a moeda de curso legal”; meu propósito não foi verificar a autenticidade destes fragmentos; más sim ressaltar o “tom” e seu “espírito”

Bibliografia

Allouch, Jean

- ¿El psicoanalisis es un ejercicio espiritual? Respuesta a Michel Foucault
- La sombra de tu perro
- Seminarios: “El amor Lacan”

Cervantes Saavedra, Miguel de

- “El coloquio de los perros”

Foucault, Michel

- Discurso y verdad en la antigua Grecia
- La hermenéutica del sujeto

Freud Sigmund

- El chiste y su relación con el inconsciente
- Cartas de juventud

García Gual, Carlos

- La secta del perro. Diógenes Laercio

Lacan, Jaques

- Seminario III La Psicosis 31-5-56
- Seminario I Los escritos técnicos de Freud

Lezcano Alicia Rita

- “Hospital del alma” (Trabalho)

Ramírez Marcela

- ¿Cervantino Freud?! (Trabalho)

Onfray Michel

- Cinismos. Retrato de los filósofos llamados perros

Revistas: Desatinos Nº 1 y 2

- La Tercera. Medellín 2005-8

Vegh, Isidoro

- Seminario “Yo, Ego, Si mismo. Distinciones de la clínica”